



Esta obra possui uma Licença

[Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)



<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/12828>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v15i25.12828>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 16 | N. 26 | Jun., 2022, pp. 315-319

Submissão: 28/03/2022

Aprovação: 04/06/2022

AURA CUMES E A CRÍTICA AO PATRIARCADO COLONIAL DESDE AS MARGENS

AURA CUMES Y LA CRÍTICA AL PATRIARCADO COLONIAL DESDE LOS MÁRGENES

AURA CUMES AND THE CRITICISM OF THE COLONIAL PATRIARCHY FROM THE MARGINS

Iris Barbosa

Universidade Federal do Pará- UFPA¹

Marcelo Sanhueza

Universidad de Chile - UChile²

Resumo: Esta apresentação ao artigo de Aura Cumes representa os debates sobre o feminismo na América Latina e que se fortaleceram e tem sido ampliado nos últimos anos em torno de problemáticas relacionadas ao gênero, à etnia e à luta de classe; temáticas abordadas em diferentes enfoques e agendas políticas. Cumes adota perspectivas que se relacionam com o feminismo interseccional, apoiada por intensas discussões de âmbito político, social e cultural, em que o feminismo se rearticulou integrando as demandas e problemas locais, com intensa valorização da heterogeneidade étnica e cultural, compondo uma sociedade plurinacionais.

Resumen: Esta presentación al artículo de Aura Cumes representa los debates sobre feminismo en América Latina que se han fortalecido y ampliado en los últimos años en torno a temas relacionados con el género, la etnia y la lucha de clases; temas abordados en diferentes enfoques y agendas

políticas. Cumes adopta perspectivas que se relacionan con el feminismo interseccional, sustentadas en intensas discusiones de alcance político, social y cultural, en las que el feminismo se rearticula integrando demandas y problemáticas locales, con intensa valoración de la heterogeneidad étnica y cultural, componiendo una sociedad plurinacional.

Abstract: *This presentation to the article by Aura Cumes represents the debates on feminism in Latin America that have strengthened and expanded in recent years around issues related to gender, ethnicity and class struggle; themes addressed in different approaches and political agendas. Cumes adopts perspectives that are related to intersectional feminism, supported by intense discussions of political, social and cultural scope, in which feminism rearticulated itself by integrating local demands and problems, with intense appreciation of ethnic and cultural heterogeneity, composing a plurinational society.*

¹ Professora de Língua e Literaturas Hispanófonas do Curso de Licenciatura em Letras Espanhol da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal. A presente introdução e a tradução fazem parte do Projeto de Pesquisa em andamento, “Tradução e cultura: debates sobre gênero em uma perspectiva interseccional na América Latina”, contemplado pelo Edital PRODOUTOR – 2021 (UFPA). E-mail: lbarbosa@ufpa.br

² Pesquisador do Departamento de Literatura da Universidade do Chile. A presente introdução e tradução fazem parte do projeto em andamento, Fondecyt Postdoctoral 3210608, financiado pela Agencia Nacional de Investigación y Desarrollo (ANID). E-mail: marceloivansanhueza@gmail.com

Nos últimos anos, na América Latina tem se fortalecido e ampliado os debates sobre as problemáticas de gênero, etnia e classe; temáticas que estão sendo abordadas desde diferentes enfoques teóricos e agendas políticas. Isto vem provocando uma série de ideias e abordagens que têm se mostrado cruciais para uma compreensão mais complexa de nossa cultura no marco da fase neoliberal do capitalismo global que tem atingido com força durante décadas a região. O feminismo, neste panorama, vem se transformando em uma ferramenta crítica e em uma perspectiva política chave para o trabalho de várias disciplinas nas ciências sociais e humanas, o que, por sua vez, tem permitido a construção de pontes e discussões transdisciplinares. Exemplo disso são os interessantes intercâmbios entre os estudos literários, a história, a antropologia, a sociologia, a linguística, a ciência política, a história, a etnografia, para citar apenas algumas áreas do conhecimento.

O feminismo atual vem questionando a posição subalternizada a que historicamente têm sido relegadas as mulheres nas sociedades latino-americanas. Para não cair em essencialismos e pontos de vista totalizadores, muitas das críticas feministas vem procurando avaliar as condições particulares que experimentam as mulheres em cada país e comunidade, embora sempre levando em conta as situações de opressão e violência que elas sofrem, pois isso conforma eixos de lutas em comum.

316

Nesse cenário, o ensaio que apresentamos a continuação, “Mulheres indígenas, patriarcalismo e colonialismo: um desafio à segregação compreensiva e suas formas de dominação”, relaciona-se com essas intensas discussões políticas, sociais e culturais na esfera pública latino-americana dos últimos anos, repercutindo, de cheio, na arena política. O texto foi escrito pela acadêmica e ativista maya kaqchikel, Aura Cumes, que é reconhecida como uma das mais destacadas vozes do movimento indígena e feminista na América Latina. Cumes é Mestre em Ciências Sociais pela FLACSO/Guatemala e Doutora em Antropologia Social pelo Centro de Estudios de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS) na Cidade do México. Também possui um Diplomado em Estudos de Gênero e Feminismo pelo CEIICH/UNAM e pela Fundación Guatemala. A ativista trabalhou como pesquisadora e professora da Área de Estudos Étnicos e do Programa de Gênero da FLACSO Guatemala e foi co-fundadora da Comunidade de Estudos Maias. Suas áreas de pesquisa se concentram nas relações de poder e nas diferentes formas de dominação sobre os quais foram fundados o colonialismo e o patriarcado que estruturaram o racismo e o sexismo na América Latina.

Em seu trabalho de pesquisa, a autora também articula a academia com o ativismo social desde um lugar de enunciação diferencial do pensamento euro-ocidental que, segundo ela, domina as universidades e os movimentos políticos latino-americanos; embora muitas vezes exista uma frágil

autocrítica desta realidade. Cumes, por outro lado, promove a conformação de um pensamento feminista no qual sejam as próprias comunidades quem geram saberes e práticas alternativas ao patriarcado colonial, que ela define como “aquele que se estabelece na submissão não só das mulheres, mas também da população indígena e negra, que ademais reconfigura as relações sociais”³. Acrescenta além disso que: “não é o mesmo na configuração das sociedades colonizadas ser mulher branca que ser mulher indígena; ser homem branco que ser homem indígena”⁴. Se trata de uma cultura patriarcal que na América Latina está atravessada pelo sistema capitalista e por formas de sociabilidade herdadas da antiga ordem colonial, instalada a partir da invasão europeia da América. A herança colonial ou a colonialidade, para utilizar uma conceituação atual, foi reproduzida e rearticulada no período pós-colonial, ou seja, sobreviveu e foi mantida além do final formal do colonialismo no século XIX e início do século XX. No entanto, o importante não é apenas reconhecer a continuidade das lógicas coloniais euro-ocidentais, mas também observar as transformações e readaptações que ela vem sofrendo ao longo da história. É com base nessas transformações que o trabalho de Aura Cumes nos desafia a repensar o fenômeno do colonialismo e do patriarcado a partir de suas singularidades no momento contemporâneo.

É importante mencionar que o ensaio que estamos traduzindo já tem uma década desde que foi originalmente publicado no *Anuario de Hojas de Warmi* (2012) e tem circulado amplamente no mundo de língua espanhola, graças às abordagens incisivas desenvolvidas por sua autora. Embora os anos tenham passado, muitas das questões desenvolvidas por Cumes permanecem intactas e tem alcançado, inclusive, uma grande relevância no contexto dos diferentes movimentos feministas que vem se fortalecendo política e socialmente na América Latina dentro das Comemorações do Dia Internacional da Mulher (8M), e que, aliás, têm atraído um considerável apoio popular. Este movimento feminista, amplo e diverso, tem se expressado, entre outras coisas, em exigências sócio-políticas que promovem os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, a luta contra a violência de gênero, a busca da igualdade salarial e o reconhecimento de trabalhos não remunerados, como o doméstico; petições que, embora levem expressões diferentes de um país para outro, tomaram com força, o espaço público.

Nesse mesmo contexto, também foi gerada uma conceptualização e compreensão do patriarcado como padrão de dominação epistêmico, simbólico e material que afeta principalmente as

³ CUMES, Aura. Aura Cumes, escritora: “Un patriarcado colonial somete no sólo a las mujeres”. Entrevista concedida a Bárbara Barrera. **Palabra Pública**, Universidad de Chile, julho, 2018. Disponível em: <https://palabrapublica.uchile.cl/2018/07/23/aura-cumes-escritora-un-patriarcado-colonial-somete-no-solo-a-las-mujeres/>

⁴ *Idem*.

mulheres racializadas como as afro-latinas e as indígenas. Nesse sentido, o ensaio de Aura Cumes, que traduzimos para o público brasileiro e de língua portuguesa, é um trabalho pioneiro na América Latina no século XXI, pois incorpora a perspectiva feminista interseccional, antes de sua popularização, para interpretar e evidenciar as formas de opressão e controle biopolítico que têm sido exercidas sobre o corpo e a subjetividade das mulheres indígenas guatemaltecas, impactando em suas experiências afetivas, sociais, políticas e econômicas.

A perspectiva adotada por Cumes em seu ensaio relaciona-se, como mencionamos, com as vertentes do feminismo interseccional cujas primeiras formulações e lutas podem ser encontradas nas feministas negras estadunidenses do final dos anos 70 e início dos anos 80 como, por exemplo, Angela Davis, Patricia Hill Collins, bell hooks e, quem cunhou o conceito de interseccionalidade em 1989, Kimberlé Williams Crenshaw. Este tipo de feminismo tem sido organizado através de discursos e práticas que procuram desestabilizar e desmistificar as estruturas de poder dominantes associadas à naturalização da divisão social, sexual e racial do trabalho no contexto capitalista desde a experiência das mulheres afro-americanas racializadas. Nessa linha, tais expressões do feminismo têm sido especialmente anticapitalistas, na medida em que consideram que é o capitalismo, na sua condição de sistema histórico de relações sociais e econômicas, que vem gerando um tipo particular de patriarcado e de exploração do trabalho. O capitalismo foi assim construído como uma ideologia global que representa a visão de uma masculinidade hegemônica branca e legatária do projeto imperial euro-ocidental que remonta ao século XVI com a conquista da América e do comércio de escravos africanos durante 300 anos; entre outros marcos importantes na gestação do sistema moderno mundial.

Atualmente, e tal como fez Aura Cumes, uma parte do movimento feminista recebeu e rearticulou o feminismo interseccional, integrando as demandas e problemáticas locais, valorizando a heterogeneidade étnica e cultural como um componente substancial de nossas sociedades plurinacionais. Entretanto, esta plurinacionalidade foi esmagada e silenciada pelos fundadores dos Estados nacionais latino-americanos, que tentaram homogeneizar e subordinar os setores sociais populares dentro de um modelo de organização societal controlado por uma elite crioula ocidentalizada.

Nessa mesma linha, o feminismo tem levantado um desafio social, político, cultural e intelectual a fim de refletir sobre as situações das mulheres na sociedade latino-americana e, assim mesmo, vem tentando propor alternativas emancipatórias do patriarcado capitalista e colonial. Na academia tem havido, por exemplo, uma profunda luta contra-hegemônica para compreender como

o patriarcado, o capitalismo e o colonialismo geraram exclusões sexuais, étnicas, de gênero e de classe que devem ser tratadas transdisciplinarmente, dada a complexidade do fenômeno. Rita Segato, Ochy Curiel, María Lugones (*In memoriam*), Djamilia Ribeiro, Sueli Carneiro, são apenas algumas feministas de uma longa lista de intelectuais que hoje trabalham em perspectivas e modos de organização social cujas análises integram a condição de classe e de racialização que aflige as mulheres latino-americanas.

É nesta luta contra os discursos e práticas racistas, classistas e sexistas que o feminismo latino-americano está produzindo as maiores mudanças teóricas e políticas. Nesse cenário, Aura Cumes constitui uma voz imprescindível que consideramos que pode resultar de um significativo interesse para o contexto brasileiro atual, especialmente, para problematizar as exclusões e discriminações que sofrem as indígenas e afrodescendentes. E é relevante, sobretudo, para visibilizar que não se trata apenas de um fenômeno local, mas global e que, muitas das questões que examina a autora na Guatemala, podem também ser encontradas e comparadas com a sociedade do Brasil. Especificamente, o que se evidencia é uma nação que foi pensada sob uma norma civilizatória eurocentrada por sua elite política e econômica que não valorizou sua diversidade étnica e cultural, pois estes setores não cumpriram com os padrões de branquitude idealizados por esta classe dominante.

Em síntese, Aura Cumes nos lembra da importância de valorizar e ouvir as vozes subalternizadas das mulheres indígenas como agentes da história e do presente, porque como ela adverte no ensaio que aqui se comenta: “não é o mesmo questionar o poder desde o centro que desde as margens, e estas vozes das margens nos dão contribuições fundamentais sobre como melhor interpretar o poder”. Dito isto, esperamos especialmente que a tradução contribua para desenvolver um diálogo frutífero entre a academia brasileira da região amazônica com os debates políticos e as pesquisas que estão acontecendo na América Latina de língua espanhola.